

Vivências de professoras negras por cosmopercepções da corporeidade da Gira/Exu no contexto escolar: vivências de espiritualidades afrikanas

resumo

Exu é o principal orixá da Cultura Iorubá, por que é o senhor o Cosmo e do Universo ao provocar o movimento deles, estabelecendo conhecimentos a partir da existência da Natureza em coexistência com todos os seres vivos —especialmente as pessoas— ou não vivos. O trabalho reconhece essa relevância e valoriza, respeitando tais conhecimentos ancestrais basilares das religiosidades de matrizes afrikanas, que podem reduzir e, quiçá, exterminar com o racismo religioso. Portanto, trata-se de como os conhecimentos ancestrais, da Filosofia Afrikana e advindos de Exu que estão presentes nas escolas e são praticados por professoras negras, de forma significativa e valorativa, sem que as mesmas tivessem esse propósito. O trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado, defendida na FAE/UFMG, “Corporeidades da Gira por professoras negras da rede pública de contagem: encruzilhadas na educação” (2022). A pesquisa teve como objetivo principal: “analisar em que medida se configura a autoafirmação da corporeidade afro-brasileira negra por professoras negras, da Rede Pública de Ensino do Município de Contagem, no contexto da educação”. A metodologia construída se fez pelas encruzilhadas emergidas por Exu a partir da análise de fotos de 10 anos outrora e fotos atuais do ano de 2019, de seis professoras negras indicadas por diferentes pessoas físicas e jurídicas, devido às corporeidades distintas. A evidência de espiritualidades afrikanas na escola ocorre devido a forma como os corpos são percebidos e se relacionam, tendo consciência de sua negritude e se autoafirmando em corporeidades de mulheres negras, contrariando o “devenir” negro de negação do mesmo e da definição de ser pela cultura eurocêntrica. Mesmo havendo resquícios dessas em várias dimensões culturais e corpóreas, o processo de conscientização e autoafirmação das corporeidades dessas professoras fortaleceram o processo de outras possibilidades de existir fora das amarras do racismo, na compreensão da existência de si e da negritude. Elas ressignificaram as relações estabelecidas e o pedagógico por meio de suas corporeidades da gira que geram sentimentos e significados correspondentes a alguns aspectos da Filosofia Afrikana e dos conhecimentos ancestrais.

palavras-chave

cosmopercepções; corporeidades; Gira/Exu; professoras negras; espiritualidades.

Experiences of black teachers through cosmoperceptions of the corporeality of Gira/Exu in the school context: experience of afrikan spiritualities

abstract

Exu is the main orixá of Yoruba Culture, because he is the lord of the Cosmos and the Universe by causing their movement, establishing knowledge based on the existence of Nature in coexistence with all living beings —especially people— or non-living beings. The work recognizes this relevance and values, respecting such basic ancestral knowledge of religiosities of Afrikan origins, which can reduce and, perhaps, exterminate religious racism. Therefore, it is about how ancestral knowledge, from Afrikan Philosophy and coming from Exu, is present in schools and is practiced by black teachers, in a meaningful and valuable way, without them having that purpose. The work is an excerpt from doctoral research, defended at FAE/UFMG (2022). The main objective of the research was: “to analyze the extent to which the self-affirmation of black Afro-Brazilian corporeality is configured by black teachers, from the Public Education Network of the Municipality of Contagem, in the context of education”. The methodology constructed was based on the crossroads emerged by Exu from the analysis of photos from years gone by and current photos from the year 2019, of six black teachers nominated by different individuals and legal entities, due to their different corporeality. The evidence of Afrikan spiritualities at school occurs due to the way bodies are perceived and relate to each other, being aware of their blackness and self-affirming themselves in the corporeality of black women, contradicting the black “becoming” of denial of the same and the definition of being by Eurocentric culture. Even though there are remnants of these in various cultural and corporeal dimensions, the process of awareness and self-affirmation of these teachers' corporeality strengthened the process of other possibilities of existing outside the constraints of racism, in understanding the existence of self and blackness. They gave new meaning to established relationships and pedagogy through their corporealities of the tour that generate feelings and meanings corresponding to some aspects of Afrikan Philosophy and ancestral knowledge.

keywords

cosmoperceptions; corporealities; Gira/Exu; black teachers; spiritualities.

Experiencias de maestras negras a través de las cosmopercepciones de la corporeidad de Gira/Exu en el contexto escolar: experiencia de espiritualidades afrikanas

resumen

Exu es el principal orixá de la Cultura Yoruba, porque es el señor del Cosmos y del Universo provocando su movimiento, estableciendo el conocimiento desde la existencia de la Naturaleza con la convivencia con todos los seres vivos —especialmente las personas— o no vivos. La obra reconoce esta relevancia y valora, respeta tales saberes ancestrales básicos de las religiosidades de origen africano, que pueden reducir y, tal vez, erradicar el racismo religioso. Por tanto, se trata de cómo los saberes ancestrales, de la Filosofía Afrikana y propios de Exu, están presentes en las escuelas y son practicados por los maestras negras, de forma significativa y valorativa, sin que tengan ese fin. El trabajo es un extracto de la investigación de doctorado, defendida en la FAE/UFMG (2022). Su objetivo principal fue: “analizar en qué medida se configura la autoafirmación de la corporeidad negra afrobrasileña por parte de docentes negros de la Red de Educación Pública del Municipio de Contagem, en el contexto de la educación”. La metodología construida se hizo a partir de la encrucijada construida por Exu a partir del análisis de fotos de 10 años antes y actuales, al año 2019, de seis docentes negros señalados por personas físicas y jurídicas diferentes, por su corporeidad diferente. Hay evidencias de que las espiritualidades africanas en la escuela ocurren por la forma en que los cuerpos son percibidos y se relacionan entre sí, siendo conscientes de su negrura y autoafirmándose en las corporeidades de las mujeres negras, contradiciendo el “devenir” negro de la negación del cuerpo y la definición del ser por la cultura eurocéntrica. Aún con remanentes de éstos en diversas dimensiones culturales y corporales, el proceso de toma de conciencia y autoafirmación de tales corporeidades fortaleció el proceso de otros modos de existir fuera de las cadenas del racismo, en la comprensión de la existencia del yo y de negrura. Resignificaron las relaciones establecidas y lo pedagógico a través de sus corporeidades generan sentimientos y significados según aspectos de la Filosofía Afrikana y saberes ancestrales.

palavras-chave

cosmopercepciones; corporeidades; Gira/Exu; maestras negras; espiritualidades.

1. Introdução

Exu é o principal orixá da Cultura Iorubá, porque é o senhor do Cosmo e do Universo ao provocar o movimento deles, estabelecendo conhecimentos a partir da existência da Natureza em coexistência com todos os seres vivos – especialmente as pessoas ou não vivos. Ele é o senhor dos caminhos que emergem a partir do caos e das encruzilhadas, sendo esses abertos quando ocorre o equilíbrio da descoberta consciente do que gerou o caos e as encruzilhadas. Ele fomenta um vasto conhecimento sobre o corpo e o cosmo, para que as pessoas possam encontrar consigo mesmo descobrindo qual (quais) é (são) a motivação de existência própria. É uma forma de pensar que não gera pela razão/cérebro da dita Filosofia Ocidental, onde o “homem” e o corpo são o centro e poder. O pensar para Exu ocorre pelo fluir dos sentimentos, das emoções, das sensações, das batidas pulsantes e vibrantes do KA – coração na Filosofia Afrikana na cadeia da natureza– essa é a centralidade de nossa existência. Sem o cosmo e a natureza não haveria quaisquer espécie de existência que ocorre por meio da interdependência - coexistência.

Somos convidados a um cosmo vivo e vibrante, onde as relações entre homens e mulheres servem ao espírito, à comunidade e aos ancestrais. Sobonfu nos permite lembrar que todas as questões do coração são iniciadas pelo espírito e é pra esta fonte que nossa atenção precisa se voltar.
(WELLER in SOME, 2018, p. 07)

Talvez a natureza se baste sozinha, porém as pessoas e os seres vivos dependem dela para existir e renovar sua energia, seu axé – na cultura iorubá. Pois ela nos fornece tudo que precisamos de fonte nutricional para o físico, o existencial, os emocionais e os espirituais. Um conhecimento que reverbera há séculos pelas primeiras civilizações ancestrais: os povos afrikanos² e indígenas. O axé é o sagrado da existência. E por isso, o pensar se faz pelo sentir com o corpo, sobretudo, o coração, e quando sentimos a natureza, nossa ancestralidade maior pulsa viva. O batimento cardíaco e todas as questões relativas a ele são iniciados pelo Espírito. A consciência que se desenvolve pelo sentir via o coração e o corpo. E por isso, é preciso estabelecer uma conexão responsável com o sagrado, com a natureza. Tal conhecimento quando é reconhecido a partir das contribuições exuônicas que tendem a potencializar a sagacidade do viver e de como manter a existência com sabedoria e responsabilidade em prol de um coletivo e, não da individualidade e a existência em si. Isso é gerar relações de afeto responsável, a intimidade. Na aldeia de Sobonfu Somé (2018), a “vida é inspirada” pela relação com o sagrado, a natureza e o espírito (energia subjetiva de cada pessoa). Segundo Sobonfu Somé, o que “é importante, porém, é ver nossa compreensão da intimidade primordialmente como uma prática determinada pelo espírito ou autorizada pelo espírito e executada por alguém que reconhece que não pode, por si própria, fazer acontecer aquilo a que foi convidada” (SOMÉ, 2018, p. 12). E Exu é um espírito autorizador da vida pela cultura iorubá.

Exú é o orixá que ocupa lugar privilegiado frente aos demais, isso porque ele existe desde a criação do universo. É ele quem mantém o equilíbrio das

² Escrevo África e palavras derivadas dela com a letra “K”, porque para esse Continente essa letra possui o significado de raízes, fazendo referência à árvore como signo sagrado de existência individual/coletiva e vida. Conhecimento apreendido das relações com pessoas afrikanas no contexto da UFMG e de encontros acadêmicos.

trocas, provocando o conflito para promover a síntese. Tudo aquilo que se une, que se multiplica, que se separa e que se transforma é provocado por vontade de Exú. É guardião das luzes frente às sombras e trevas. É o regulador do Cosmo, quem põe os demais orixás em contato entre si. Sua função é dinamizar, mobilizar e transformar e comunicar. É o passado, o presente e o futuro. Nele estão contidos o bem e o mal. É a manifestação de tudo o que existe. Exu é guerreiro, afasta o mal do caminho. Cuida da proteção das casas e cidades. Ele funciona de forma positiva quando é bem tratado e o seu universo também é verdadeiro. (SILVA, 2013, p.32)

Segundo Emanuel Soares, Exu ensina as travessas por situações de inversão. Ele causa “confusão inicial para que o esclarecimento aconteça”. Ele é a força do movimento para dinamicidade, porque “move a tudo e a todos” (SOARES, 2008, p. 10). Ele é mensageiro, e assim, quem o escuta consegue também encontrar novos caminhos a partir das frestas do caos e vácuo. Ele é o “dono da encruzilhada”, pois, para os iorubás, fundamenta a “ética responsiva”, já que “codifica” e possibilita a descolonização. “Exu é também o primeiro a ser criado e aquele que fundamenta toda e qualquer forma de existir. Assim, compreende-se como princípio radical que transgride as dimensões explicativas ausentes no ocidente europeu” (RUFINO, 2019, p. 19). Esses conhecimentos ancestrais nos foram negado pelo processo de colonização dos povos africanos e indígenas na construção do Continente - Américas, para que a subalternização, a exploração e a morte do espírito e das espiritualidades dos Orixás favorecessem a dominação, a violência e o extermínio da dignidade desses povos, bem como de seus descendentes. A meta era que não pudesse haver ascendência das pessoas descendentes. E para isso, foi preciso exterminar sua forma de crença e signos sagrados (MARIMBA, 2015). Exu e a conexão ancestral com a natureza foram os pontos estratégicos dessa barbárie. A visão eurocêntrica do colonizador europeu impôs que “os homens” são superiores à natureza por conta da razão e, por isso, passou a desrespeitá-la ao forjar uma evolução de civilização material e econômica. Os sagrados cosmo e natureza perderam a mais valia diante do poder do indivíduo. Este último teve sua espiritualidade retirada e impossibilitada pela introjeção do deus cristão e demonização de Exu. Sendo que esse nem podia ser demonizado porque não pertence ao mundo cristão e, tampouco, nas espiritualidades africanas, existe a dimensão da existência do dito demônio.

Se a política de cristianização empregada pelo colonialismo transformou Exu em Diabo, a ciência ocidental argumentou a favor da tese de que as sociedades que praticavam Exu seriam inferiores, primitivas, incivilizadas, animistas-fetichistas, desprovidas de capacidade cognitiva que os alçasse ao progresso com via de esclarecimento, servindo de base para a formação de ideologias racistas e totalitárias. Manter Exu, princípio explicativo de mundo, sobre o aprisionamento da condição de Diabo cristão favoreceu/favorece o projeto colonial na face da redenção cristã (bem versus mal) e o racionalismo ocidental por via da dominação de outros conhecimentos. (RUFINO, 2019, p. 50)

Esse mesmo autor aponta as consequências da demonização cristã de Exu, senhor dos caminhos e da comunicação em sua potência de conhecimento, ao narrar a seguinte defesa:

Atenho-me à defesa de que o colonialismo cometeu grande tragédia ao transfigurar Exu no demônio cristão. Ao praticar Exu enquanto demônio, Corporeidades reduziu-se a complexidade das culturas negras-africanas, esfaleceram-se modos de vida, visões de mundo, princípios explicativos e

saberes necessários para a formação de uma sociedade que se oriente pela diversidade como princípio ético. Nesse sentido, o projeto colonial e sua agenda política assumiu a responsabilidade de passarmos – como na narrativa popular – a eternidade nas profundezas do inferno da negação de outras possibilidades. (RUFINO, 2019, p. 50)

Diante disso, este trabalho busca tratar de como os conhecimentos ancestrais, da Filosofia Afrikana e advindos de Exú, estão presentes nas escolas e são praticados por professoras negras, de forma significativa e valorativa, sem que as mesmas tivessem esse propósito ou feito menção aos mesmos, quando as entrevistei e pude conviver em alguns dias com elas nas escolas. A análise que busquei fazer a partir do retorno das professoras negras é que há evidência da espiritualidade afrikana na escola, devido a forma como são corpos são percebidos e se relacionam, tendo consciência de sua negritude³ e se autoafirmando em corporeidades de e como mulheres negras, contrariando o “devenir” negro de negação do corpo e da definição de ser pela cultura eurocêntrica. Mesmo havendo resquícios dessas em várias dimensões culturais e corpóreas, o processo de conscientização e autoafirmação da corporeidade de mulheres negras fortaleceram o processo de outras possibilidades de existir fora das amarras do racismo, na compreensão da existência de si e da negritude. Elas ressignificaram as relações estabelecidas e o pedagógico por meio de suas corporeidades geram sentimentos e significados correspondentes a alguns aspectos da Filosofia Afrikana e dos conhecimentos ancestrais e espirituais. E, por isso, possibilitam uma reeducação das relações entre professoras e estudantes, bem como de aprendizagens que revelam a importância e a presença dessas espiritualidades (ancestrais e Exu), como conhecimentos potentes do desvendar da negritude pela relação dos corpos negros, do sentido de liberdade, da comunicação e conexão ancestral. E principalmente, do rompimento do projeto da colonização da modernidade.

Neste sentido, este trabalho contribui para reconhecer essa relevância, bem como para valorizar e respeitar tais conhecimentos ancestrais basilares das religiosidades de matrizes afrikanas, podendo reduzir e, quiçá, exterminar com o racismo religioso⁴. Isso porque no Brasil este racismo emprega a violência e o desrespeito aos terreiros por meio do que é apontado como “racismo religioso”, provocada pela não aceitação dos Orixás e por desconhecer que esses também são fontes de conhecimentos sobre a vida e constituição do cosmo.

O trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado, defendida este ano (2022) na FAE/UFMG, denominada “Corporeidades da Gira por professoras negras da rede pública de contagem: encruzilhadas na educação”. Tal pesquisa teve como objetivo principal: “analisar em que medida se configura a autoafirmação da corporeidade afro-brasileira negra por professoras negras, da Rede Pública de Ensino do Município de Contagem, no contexto da educação”. A metodologia construída se fez pelas encruzilhadas construídas por Exu a partir da análise de

³ A negritude contribui para o reconhecimento de alguém como pertencente a um grupo social étnico-racial, que possua em comum: origem, histórias e culturas para além de traços e/ou características físicas (MUNANGA, 1999/2019). Reconhecer-se é um passo para se autoafirmar. E autoafirmar-se tem a ver com o processo de construção da identidade.

⁴ “Por sua vez, o uso do termo “racismo religioso” e suas implicações epistemológicas, apesar de defendido por algumas/alguns autoras/es, ainda está em construção. De forma geral, o termo “racismo religioso” tem sido caracterizado, no Brasil, por preconceito e/ou ato de violência contra adeptos das religiões de matrizes africanas, que são os principais alvos de violência religiosa no país.” (...) “Trata-se da negação de uma forma simbólica e semântica de existir, de ser e estar no mundo” (NOGUEIRA, 2020, p. 91), de um racismo que está, portanto, incidindo além do genótipo ou do fenótipo, mas na própria cultura (tradições de origem negro-africana)” (ROCHA, 2022).

fotos de 10 anos outrora e fotos atuais do ano de 2019. As professoras negras foram selecionadas por meio da indicação de pessoas do Sindicato, da Secretária de Educação do Município e de algumas escolas, num total de mais de 15 professoras. Dessas, foram selecionadas 06 mulheres negras, reconhecidas por terem corporeidades distintas emergidas da autoafirmação e, por isso, indicadas para participação na pesquisa. Uma das professoras que participou da pesquisa conseguiu captar a dimensão da autoafirmação da corporeidade negra ao dizer que:

Essa palavra autoafirmação para mim, ela é muito profunda assim! Não sei dizer para você porque que me tocou, mas ela me tocou de uma maneira, falei assim: “gente!” Por ser do corpo negro assim. Me vi! Aí eu vi todo processo que eu passei, tem muita coisa para eu vencer, Pesquisadora assim. Mas eu me vi porque é uma coisa que mexe comigo, autoafirmação no contexto. (voz emocionada) Hoje eu estou na direção da escola, isso não deixa de ser uma autoafirmação de tudo aquilo que eu acreditei ser. Daquilo que eu penso e o porquê eu estou aqui. (Professora Hariadyne, 2019)

A pesquisa foi realizada a partir de 06 professoras negras, Ana Lúcia, Ângela, Elenice, Hariadyne, Maristela e Nanci⁵, que trabalham na rede Pública de Contagem, em 05 escolas de diferentes regiões e que possuem formações e tempo de docência distintos: 04 são formadas em Belas Artes; 02 em Pedagogia e 01 em Comunicação. O tempo na rede pública varia de 06 a 20 anos, enquanto o de magistério de 17 a 30.

I - Tabela de dados pessoais e profissionais das professoras negras					
Fonte: produzidas pela pesquisadora a partir dos dados da pesquisa					
NOME	FORMAÇÃO	ESCOLA	TEMPO/ MAGISTÉRIO	TEMPO/ ESCOLA	MODALIDADE
1. Ana Lúcia A. F. Belico	Pedagogia	E. M. Otacir Nunes dos Santos Rua Dilson de Oliveira, 1221 - Bairro: Funcionários.	17	09	Ensino Fundamental 1º a 5º ano
2. Ângela Maria Marques	Pedagogia	E. M. Nossa Senhora Aparecida Rua Uruguai, 259 - Bairro Industrial	31	06	Ensino Fundamental 1º a 5º ano
3. Elenice da Silva Leandro	Licenciatura em Artes	E. M. Maria do Carmo Orechio Rua Hércules s/n Bairro Nova Contagem	22	16	Ensino Fundamental 1º a 5º ano
4. Hariadyne de Carvalho Lana	Magistério das séries iniciais e Comunicação	E. M. Maria do Carmo Orechio Rua Hércules s/n - Bairro Nova Contagem	25	20	Ensino Fundamental 1º a 5º ano
5. Maristela de Cácia Nogueira	Licenciatura em Artes	E. M. Coronel Antonio Augusto Diniz Costa Rua Vicente dos Santos, 295 - Bairro Bernardo Monteiro	22	19	Ensino Fundamental 1º a 5º ano
6. Nanci Lourdes Ferreira de Melo	Licenciatura em Artes	E. M. Eli Horta Costa Rua Prof.º Neusa Rocha, 406 - Bairro: Central Parque	42 13 na pública	06	Ensino Fundamental 1º a 9º ano

⁵ Vale destacar que as professoras optaram por serem tratadas por seus nomes próprios, porque tratar de suas corporeidades é abordar suas identidades, que são apontadas pelos corpos e denominadas por nomes que criam sentido de existência e personalidade.

A análise foi feita a partir de conhecimentos afrodiaspóricos e da filosofia africana, das quais destaco algumas autoras com as quais dialoguei e que as recorro para essa explanação: Oyêwùmí, Oyèrónké (2000; 2004 e 2016); Marimba, Anny (2015); Sobonfu, Somé (2007); Gomes, Nilma (1995; 2002; 2003; 2011 e 2017); Martins, Lêda (2000; 2003; 2007 e 2013); Teodoro, Helena (1985); Silva, Geranilde (2013); Fu-kial, Buseki (1991); Soares, Emanuel (2008); Nogueira, Renato (2010; 2011; 2012; 2020); e Rufino, Luiz (2019a; 2019b). Devido a esse diálogo, o trabalho se configura primeiro pela discussão Cosmopercepção da Corporeidade da Gira. Segundo, abordando o corpo como ancestral, luz e energia que dão sentido à existência no mundo. Terceiro, refletimos sobre as performances corporais e os conhecimentos estéticos corpóreos. Já num quarto momento, abordamos a corporeidade com parte do cosmo e da natureza. E conclui-se o trabalho por uma poesia que fala do corpo por suas histórias, lugares, territórios e afetos. Corpo e corporeidades como dimensões das espiritualidades.

2. Cosmopercepção da Corporeidade da Gira

Buscamos compreender a dimensão da Gira abordada na pesquisa e que também faz parte desse trabalho, destacando-a e conceituando-a a partir do poema da pensadora Geranilde Silva que nos encanta:

I – EU SOU UMA MULHER NEGRA

Eu sou uma mulher negra porque...
Porque me dei conta da minha negritude.
Porque ouvi o canto e o lamento dos meus ancestrais.
Porque sou filha da África.
Porque meu pai é a liberdade.
Porque sei da existência da Rainha Nzinga.
Porque sei que sou da tribo de Nelson Mandela.
Eu sou uma mulher negra porque...
Porque a negritude encanta todo o meu corpo.
Enlaça todo o meu ser.
Afaga a minha pele.
Encanta o meu coração.
Responde pelo meu sorriso.
Me dá alegria.
Desfila pelos meus quadris.
Assanha os meus cabelos.
Aninha o meu ser.
Me dá força para viver
Eu sou uma mulher negra porque...
Porque me aproximei dos meus ancestrais.
Porque ando em companhia dos Orixás.
Porque aceito o cortejo do berimbau.
Porque entro na roda de capoeira.
Porque sei que os tambores vivem a me cortejar.
Eu sou uma mulher negra porque...
Porque sei que **na gira participa** o homem e a mulher.
Porque sei que **da gira participa** o Preto e o Branco, o Novo e o Velho.
Porque eu sei que **da gira participa** a mãe, o pai, o filho e o santo.
Eu sou uma mulher negra porque...
Porque eu sei que o mar é reino de Iemanjá.
Porque eu tenho a riqueza e os encantos de Oxúm.
Porque tenho em mim a sabedoria e o cheiro verde das matas de Oxossi.
Eu sou uma mulher negra porque...
Porque eu sei que a vida é sempre um cortejo de fé.
Porque sei que pra Negro viver tem que ter ginga e axé.

Porque sei que Exu é o senhor que abre os nossos caminhos.

Porque sei agradecer Iansã... fazendo-lhe acarajé.

Porque sei que posso recorrer a Ogum sem medo algum.

Porque sei que na dor posso recorrer a Nosso Senhor.

Mas também posso recorrer a Omolú.

Eu sou uma mulher negra porque...

Porque vou ao Candomblé.

Porque meu corpo foi fechado na Umbanda.

Porque sei que o meu Maranhão tem o toque de Mina.

Porque sei que no meu Ceará se bate muita macumba.

Porque eu acendo vela para os meus orixás.

Eu sou uma mulher negra porque...

Porque eu tenho o batuque no corpo.

Porque eu sei a grandeza do Maracatu e do Afoxé.

Eu sou uma mulher negra porque...

Porque assumi a minha Negritude.

(Geranilde Silva, 2011 – destaques meus)

Para compreendermos o conceito da cosmopercepção da corporeidade da Gira, recorro a duas mulheres negras pensadoras: uma afrikana Oyěwùmí, Oyèrónkẹ (2016) e outra afrodiaspórica Gomes, Nilma (2019).

Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2016) compreende e conceitua cosmopercepção como sendo “a maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais”, pois são culturas que “privilegiam os sentidos” do corpo que não é a visão, ou até mesmo a combinação entre eles.

Ela formula esse pensamento para contestar a forma ocidental de compreender o corpo como organizador social de mundo, ela argumenta que ao “corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, pode-se inferir às crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta dele”.

Daí ela enfatiza que o fato de haver uma atenção exacerbada para a fisicalidade na cultura ocidental é por conta de o corpo ser concebido “principalmente pela visão”. Ou seja, o “olhar é um convite para diferenciar” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 03). Esse diferenciar é feito pelo olhar, de forma racional, ignorando as dimensões sensoriais do corpo e que esse é mais um elemento da natureza.

Sobonfu Somé (2018) também destaca que, na cultura Dagara, o corpo só é relevante porque proporciona à pessoa uma conexão com a ancestralidade, e essa é feita pelo espírito da pessoa em seu propósito com os demais espíritos, em prol do crescimento coletivo da aldeia, da comunidade e não da pessoa. Isso porque a pessoa só existe pela comunidade e aldeia, e não por si própria.

A diferenciação das duas terminologias cosmopercepção e cosmovisão nos possibilitou fazer análises distintas e condizentes sobre as reflexões que as professoras Nanci, Ana Lúcia, Maristela e Hariadyne fizeram do corpo, na perspectiva da cosmovisão; das que as professoras Ângela e Elenice sugerem por suas narrativas em relação ao corpo pela cosmopercepção. Entretanto, em alguns momentos as primeiras também consideraram os corpos delas pela cosmopercepção.

Um corpo que está em movimento o tempo todo! Eu sinto essa necessidade, assim. Eu gosto dele em movimento. Eu gosto dele em movimento. É algo

que já está introjetado assim, sabe? O tempo todo buscando fazer alguma coisa. É um corpo sempre em busca, mesmo estando cansado, o corpo está resiliente. E..., esse corpo em relação ao outro? (Professora Elenice, 2019)

Quando eu falo de corpo, eu estou falando de mim, da minha estrutura, do meu ser assim, da minha essência assim, eu não acho corpo... É por isso que eu falei com você como eu fiquei encantada quando você falou que iria discutir a corporeidade, porque não é discussão. Não é esse corpo matéria que a gente está discutindo não! É como que esse corpo vai me representar nos lugares que muitas das vezes as pessoas não me enxergam. (Professora Hariadyne, 2019)

3. Corpo ancestral, luz e energia em movimento: a existência no mundo

Todas elas fizeram reflexões diretas e indiretas do corpo como sendo ancestral ora por ser energia em movimento, ora luz (dimensão do espírito), ora por ter um propósito de existência no mundo físico, terra: aiyê, em ser somente a matéria que recebe ou empresta o espírito, caracterizado pelas professoras como suas essências. Segundo Helena Theodoro (1985), a essência das pessoas tem haver com a personalidade confabulada pela espiritualidade.

O corpo para mim é o meu objeto de locomoção. Eu acho que para mim a nossa essência é a alma, sabe? O corpo é algo que vai ficar..., então ele é um objeto. Ele vai ficar aqui na terra mesmo! Ele não vai para outro espaço, depois... Eu acredito na eternidade da alma, para mim aqui ele serve como objeto para você ir e vir, para você ver (...) Para mim é um objeto porque depois vai para o chão, vai para o lixo que é a terra. (Professora Nanci, 2019)

Corpo? É a casa da Alma... (pausa porque Maristela se emocionou e chora) Então, é a mudança de concepção do que você tem? Então para mim é habitação da alma mesmo e sua alma precisa estar preparada e entender o quê é sua casa. E tratar a casa bem! Não interessa se sua casa é dois cômodos ou se é uma mansão; não interessa, é ali que o espírito habita. Então, acho que o corpo é muito... Em si ele já traz uma mensagem. (Professora Maristela, 2019)

Sobonfu Somé (2018) reitera a conotação de cosmopercepção, feita por Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), ao dizer que essa vê o espírito e o percebe como o próprio se manifesta no corpo, circula e gera sentidos e sentimentos. O corpo abriga o espírito e ganha personalidade. Na tradição Dagara, cada pessoa é vista “como espírito” e esse é a energia que nos ajuda a ver “além de nossos parâmetros limitados. Também nos ajuda nos rituais e na conexão com nossos ancestrais” (SOMÉ, 2018, p. 26). É o espírito que gera relacionamentos entre duas pessoas ou mais, como no caso de aldeias e comunidades, porque ao juntá-las existe um propósito e esse é causa da conexão ancestral. Quem move a relação é o espírito e não os sujeitos. O propósito do espírito é fazer com sejamos melhores e estejamos conectados com o cosmo, a fim de que nossa vida se realize sem perder o equilíbrio, a sanidade mental que essa conexão ancestral nos proporciona (SOMÉ, 2018, p. 24-25).

Marimba, Anni (2015) considera e critica a visão europeia, ao dizer que ela impõe aos homens que dominem a natureza e compreendam o espírito pela visão cristã em separar o corpo da sua capacidade de pensar. Por isso, ela aponta que há uma “dessacralização da natureza” ao mesmo tempo, que efetivam uma “desespiritualização do humano” (MARIMBA, 1992, p. 83).

Silva, Geranilde (2013, p.35) enfatiza que a ancestralidade é dos valores mais relevantes das culturas afrikanas por mais distinta que sejam, por carregarem consigo a dimensão da vida e morte como intrínsecas à existência. A ancestralidade nas culturas afrikanas é reverenciada diariamente para se fazer viva e presente. A ancestralidade está presente na forma como as pessoas se organizam e vivem pela energia pulsante do axé, da comunicação fluída que fazem com seus cantos e danças.

A ancestralidade é a cosmovisão negra africana do mundo, de acordo com Lêda Martins (2000). É o elo entre os mortos e vivos, em coabitação de pensar, num referenciar a vida em continuidade e mudança de um “devir-negro” no mundo ancestral.

Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. Para Fu-kiau Bunseki (1994, p.33) nas sociedades nicongo, vivenciar o tempo significa habitar uma temporalidade curvilínea, concebida como rolo de pergaminho que vela e revela, enrola e desenrola, simultaneamente, as instâncias temporais que constituem o sujeito. O aforismo kicongo, “*Ma kwenda! Ma kwisa!*”, o que se passa agora, retornará depois, traduz com sabor a ideia de que o que flui no movimento cíclico permanecerá no movimento. (MARTINS, 2000, p. 80)

O passado, portanto, é definido como lugar do saber e de experiências cumulativas habitadas no presente e futuro e coabitado por ele. “O corpo em performance restaura, expressa e, simultaneamente, produz esse conhecimento, grafada na memória do gesto. Performar, neste sentido, significa repetir, tanscriando, revisando.” (MARTINS, 2000, p.81)

O que se buscou nesta pesquisa ao nos apoiarmos nesses estudos Afrikanos, feitos por mulheres afrikanas de países e culturas distintas, foi entender que o mundo, as relações, as mulheres e os homens, a natureza e etc., podem ser interpretados por prismas diferentes e culturais que não se convergem. Primas que não correspondem com a visão de mundo única, eurocêntrica, de mundo e tampouco pelo poder da dominação. São culturas que apresentam suas concepções ao mesmo tempo em que criticam a visão eurocêntrica, porque sofreram intervenções dessa em suas culturas a partir da colonização. Elas nos possibilitam ampliar nossas críticas e análises de pesquisa, para que não se forjem como verdades absolutas, já que existem outras que são desconsideradas e tão relevantes quanto a que aprendemos.

Por isso, quando as fotos demonstraram como as professoras estavam há 10 anos atrás, em suas corporeidades, essas também diziam do contexto no qual foram registradas e a repercussão destes na forma como tratavam seus corpos e expunham suas corporeidades.

4. Performance corporal e saberes estéticos corpóreos

A performance que carregamos e fazemos com nossos corpos, que as professoras negras fazem revelam a corporeidade que construímos para dizer de nossos corpos no mundo e de como ele passa expressar nossa identidade. Essas práticas performáticas nos possibilitam pensar que o corpo ao ser uma memória de saberes e de coletividade, apresenta uma memória que é seletiva, instituída e mantida por inúmeros atos de performance social e cultural. Mas se pensarmos que para Gomes (2017) a estética corpórea afro tem dimensão política, e por isso, essa performance reiteraria tal política.

A performance nos brinda com a possibilidade de refletirmos sobre as relações corpóreas no espaço das escolas, pelo viés performático demarcado a partir dos saberes estéticos corpóreos de Gomes (2017). Essa autora afirma que esses saberes fazem parte de uma série de lutas e ensinamentos das mulheres negras, ao buscarem demarcarem suas diferenças e especificidades, ao mesmo tempo em que foram se reinventando e recriando, sobretudo, pela estética, como assumir uma negritude feminina negra e bela. Por isso, esses saberes buscam por outros elementos que facilitem “a compreensão das identidades negras e de novas dimensões políticas e epistemológicas referentes às questões raciais” (GOMES, 2017, p.77). Eles provocam o deslocamento do corpo negro mestiço inclinado para o processo de branquitude, para o processo de pertencimento e afirmação da negritude. São corpos negros libertos, “livres para agir, mover, contestar, vibrar, sonhar, resistir, lutar e ter prazer”. Constituem saberes que interferem com a monocultura do corpo e do gosto estético provocado por práticas pedagógicas outras da diversidade corpórea negra. Geram “outras, lógicas corpóreas construídas pelos grupos não hegemônicos nos seus diferentes contextos e nas relações de poder” (GOMES, 2017, p. 81).

Porque o afro-brasileiro, eu acho que vai desde quando você começa a conhecer a história. E você se identifica lá no passado, essa herança que você vê em uma família única e muitas vezes o negro. A corporeidade do negro, afro, ela busca suas raízes mesmo, sua cor, seu tudo, seus colares (...). E aquele grupo estava assim todo, como se diz assim, um grupo uniforme, cada um no seu estilo, mas com suas cores que traz o seu sangue, a sua vontade. O ritmo estava ali gostoso e a gente não resiste! Aquelas mulheres maravilhosas dançando sabe..., junto com o ritmo do som dos tambores, os passos marcantes, a coisa mais linda! (Professora Nanci, 2019)

Os saberes estéticos corpóreos, de acordo com essa mesma autora, atingem o imaginário negro da erotização, ao deslocarem os corpos negros de mulheres e homens mestiços da branquitude para a negritude. O corpo negro passa a ser expressão identitária de transgressão e emancipação. O apogeu do convite revolucionário de Fanon (2008), provocando mudanças sem armas e, somente pelos corpos que se afirmam e buscam singularidades corpóreas negras para existir. “É o ideal do corpo brasileiro mestiço, não como uma possibilidade de conformação social, cultural e étnico-racial brasileira, mas como corpo superioridade”; (GOMES, 2017, p.78) que se desloca o corpo negro que caminhava para o extremo branco, agora para o extremo negro.

Os saberes estético-corpóreos produzidos pela comunidade negra e organizados pelas negras e negros, em movimento e pelo Movimento Negro Brasileiro encontram lugar dentro da racionalidade estético-expressiva discutida por Santos (2004, 2006). Esses saberes dizem respeito não somente à estética da arte, mas à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo. (GOMES, 2017, p. 79)

Esses conhecimentos estético-corpóreos definem a autoafirmação das corporeidades das professoras negras. O quê nos proporcionou compreender as narrativas de autopercepção tanto na perspectiva da cosmovisão quanto da cosmopercepção, trazendo à tona reflexões de seus corpos como luz, movimento,

dinamicidade, casa da alma, empréstimo ao espírito, objeto de locomoção do espírito, para dizer o quanto os corpos delas eram ancestrais, se configuravam por essa conexão.

um corpo assim: de luz! Eu vi luz. Eu vi movimento. Eu vi ele transitando, eu vi ele entrando, eu vi ele saindo, eu vi assim..., não aquela coisa, sabe? (...) Quando você fala corpo, eu não consigo fechar o olho e fazer assim ó (faz um gesto com as mãos)! Imaginar um corpo assim ó. (no sentido de estático). Quando você fala corpo, se eu fechar o olho **eu lembro movimento assim**, passos de dança. Eu não sei porque eu sou apaixonada pela dança. **Eu imagino dança, movimento, leveza, imagino luz, assim. Eu não consigo ver corpo. Corpo..., um esqueleto**, uma carne assim, um esqueleto... (Prof.^a Hariadyne, 2019 – destaques nossos)

5. Corporeidades como parte do cosmo e da natureza

Não duvidemos de que fazemos parte do cosmo, da natureza, da magnitude que viver nesse mundo respeito os elementos de vida vital: água, fogo, terra, mineral e natureza, que gera sentido e funcionalidade ao espírito (SOMÉ, 2018), como podemos melhor captar pela tabela que após narrativa da professora Nanci.

É ser eu mesmo! Eu não preocupo com maquiagem, não preocupo com cabelo, eu não preocupo em ir ao salão. Olha a minha sobrancelha. Para mim eu sou natureza. Mas de acordo com os padrões da sociedade. Você olha minha sobrancelha, eu fiz uma vez na vida, quando meu filho casou, porque exigiram. (risos). Mas é isto! (Professora Nanci, 2019)

II - Tabela da simbolização do espírito pelos elementos da natureza		
Fonte: NOGUEIRA, 2020		
ELEMENTO	SENTIDO	FUNÇÃO
Fogo	Sonho	Manter a nossa conexão com a ancestralidade.
Água	Paz	Sabedoria e cria condições para reconciliação.
Terra	Identidade	Localizar-se (multiterritorialmente) e explorar a habilidade de apoiar outras pessoas.
Mineral	Comunicação	Compreender outras pessoas e revitalizar o nosso propósito.
Natureza	Autoconhecimento	Habilidade para enfrentar mudanças e ameaças.

Neste sentido, para Somé (2018), se somos parte do cosmo e da natureza, temos esses cinco elementos em nós que são os eixos de nossas potencialidades naturais em comunhão com o cosmo. Para a professora Ângela, o corpo é a sua forma de existir, faz parte da sua natureza:

Igual eu estou te falando para você que o corpo pra mim é..., eu vou lá tomo um banho, eu gosto de está perfumada. Eu gosto de está cheirosa, mas é..., é uma coisa da minha existência. É uma coisa mais minha com..., com a natureza como qualquer elemento da natureza, como qualquer elemento da natureza, sabe? Como uma árvore que eu me identifico muito. Como..., como um elemento. Então não... (Professor Ângela, 2019).

Assim, quando a narrativa da professora Hariadyne enxerga a luz que seu corpo tem, enxerga o seu espírito pulsando nessa conexão e isso possibilita fazer a sua cosmopercepção da integralização da luz – espírito, com o corpo – matéria

e sua mente – ka. Ela dá conta de sua negritude, de suas dimensões afrocentradas e daquilo que ela pode fazer com o corpo desde a tatuagem (que é uma ritual de conexão espiritual dos povos das primeiras civilizações) até o cuidado maior consigo e sua matéria.

Oh, meu corpo agora. A energia desse ambiente que vai movimentar o meu corpo. Eu não sei, Pesquisadora, se eu estou conseguindo te..., eu não tenho... É um corpo negro, que tem algumas identidades, alguns traços, nariz largo... (...) Esse corpo negro sou eu, com esses dois olhos um menor do que o outro, esse nariz largo, esse queixo que a minha mãe fala “queixo Rebeca”, esse..., essa tatuagem. Algumas tatuagens, só tem um pedaço de uma aqui, algumas tatuagens, essa mão grande que eu gosto muito, sabe? Um pé que me sustenta que é minha paixão, que eu adoro passar creme nele, fazer massagem para ele ficar bem tranquilo. Se meu pé estiver bem eu estou bem, é... (Professora Hariadyne, 2019)

Hariadyne nos diz que, se o corpo é movimento, é energia, é luz e que se sente mais leve quando ele dança, ou seja, se movimenta, ela está deixando bailar seu corpo, vibrar e pulsar, num processo de transformação do interior e da matéria corpo. Coadunando com esse pensamento, a professora Elenice, mesmo se considerando tímida, também reflete que:

Eu percebo um corpo..., dinâmico, dinâmico e ao mesmo tempo quer ser centrado (risos tímidos...). Busca esse centrado e quer fazer tudo ao mesmo, todas as coisas possíveis, dentro daquilo que é possível... E é um corpo que não para. Percebo que o outro também vê um corpo ativo. E também um corpo que não pára. Vê um corpo que dá conta, que sempre está dando conta das coisas, de..., de tudo. Um corpo que gosta de..., de fazer o movimento (risos tímido...). Um corpo que gosta de fazer o movimento, um corpo que gosta da arte, é... (Professora Elenice, 2019)

O corpo que é um “tudo” que é possível, de possibilidades, é o pensamento que se destaca das narrativas da professora Elenice e Hariadyne. Suas corporeidades se fazem nas possibilidades que, segundo Rufino (2019), se fortalecem na ancestralidade. Essa “é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição de encante, de pujança, de reivindicações da presença, como algo credível”. (RUFINO, 2019, p. 15).

Elas fazem a conexão com a ancestralidade e da potência de estabelecer a comunicação. E diante disso, as professoras Hariadyne e Elenice não veem os corpos só como matéria, mas, sobretudo, corpos dinâmicos e de possibilidades. Nas encruzilhadas, o corpo é o “primeiro lugar do ser no mundo, suporte em que baixam potências múltiplas”.

A ancestralidade para a professora Maristela trata-se em perceber o corpo como habitação do espírito e, que, portanto, é necessário preservá-lo e cuidá-lo, pois ele mexe muito com a pessoa em si, com o emocional, trazendo mensagens por ele mesmo.

Então para mim é habitação da alma mesmo e sua alma precisa estar preparada e entender o quê é sua casa. E tratar a casa bem! Não interessa se sua casa é dois cômodos ou se é uma mansão; não interessa, é ali que o espírito habita. Então, acho que o corpo é muito... Em si ele já traz uma mensagem. É! É mexe muito com a gente (Maristela volta a chorar) porque a gente passa por fases. É... Fase de não se entender, de não se aceitar. Fases de se aceitar, valorizar. Então, tem gente que nunca passou por esse problema.

Entendem, mas não tem o lugar de fala sobre isso. Eu tenho! (barulho de moto e outros) Eu falei até essa semana numa roda de conversa que eu vou participar. O corpo negro ele já é naturalmente diferente! E as pessoas não tem esse entendimento, nem pra te ajudar a entender também. Quando você entra nesse processo de pré-adolescência, adolescente, você entra numa neurose tão grande, porque tudo que você tem é pra se enquadrar no que não é seu (Professora Maristela, 2019)







De acordo com Somé (2018, p. 26), o corpo é que guarda o espírito que “é a força vital que há em tudo”. Ele amplia a visão de compreensão do mundo, estando continuamente em conexão ancestral. Esse também é espírito com a possibilidade de ver os dois mundos de ayé e orúm. O papel dos ancestrais é evitar abismos, pois o espírito ancestral “pode ver o futuro, passado e o presente sua visão cruza dimensões,” porque como ele não possuem matéria física, o corpo, o “olho pode se voltar para várias direções e ver de muitas formas”.

III - Tabela de cosmopercepção do corpo pelas professoras negras Fonte: produzida pela pesquisadora a partir dos dados da pesquisa	
NOME DA PROFESSORA	REFLEXÕES SOBRE CORPO
1. Ana Lúcia A. F. Belico	Corpo é identidade
2. Ângela Maria Marques	Uma benção, perfeição! Presente
3. Elenice da Silva Leandro	Movimento em busca de conhecimento e reconhecimento
4. Hariadyne de Carvalho Lana	Luz, movimento, energia
5. Maristela de Cácia Nogueira	Casa da alma
6. Nanci Lourdes Ferreira de Melo	Objeto que guarda a alma e a faz locomover – movimento

É pelo corpo que nós fazemos presentes em materialidade física no mundo e demarcamos nossa personalidade por uma espiritualidade de conexão entre quem somos e com quem somos, tanto pelo passado ancestral, quanto pelo presente vivido e a dinâmica possível do futuro. Mente, coração, emoção, sentidos e razão são intrínsecos e correlacionaram na existência do ser de quaisquer corpos (FU-KIAL, 1991).

Para concluir apresento a vocês as cosmopercepção que as professoras negras fizeram de si a partir de auto-desenhos, para quais relacionamos seus dados com os elementos da natureza de Somé.

IV- Tabela de Percepção Docente Corpórea
 Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa

NOME DA PROFESSORA	AUTO-DESENHO	ELEMENTOS
<p>Ana Lúcia A. F. Belico</p>		<p>Nascida em 10/11/73, que segundo Somé (1997) a corporeidade possui elemento NATUREZA cuja função é dinamicidade, ter foco e atenção, sendo sua maior capacidade a resiliência saber lidar com os imprevistos e o que foge ao controle.</p>
<p>Ângela Maria Marques</p>		<p>Nascida em 29/01/72, que segundo Somé (1997) a corporeidade possui elemento FOGO cuja função é sonhar e fazer conexões temporais do presente, passado e futuro. Saber a origem e conectar-se forte com a ancestralidade.</p>
<p>Elenice da Silva Leandro</p>		<p>Nascida em 06/07/69, que segundo Somé (1997) a corporeidade possui elemento MINERAL cuja função é trabalhar em prol do propósito seu e potencializando os demais. Sua capacidade é aprender constante e pelo amor e ser espelho para reflexões profundas.</p>
<p>Hariadyne de Carvalho Lana</p>		<p>Nascida em 11/11/77, que segundo Somé (1997) a corporeidade possui elemento FOGO cuja função é sonhar e fazer conexões temporais do presente, passado e futuro. Saber a origem e conectar-se forte com a ancestralidade.</p>
<p>Maristela de Cácia Nogueira</p>		<p>Nascida em 14/12/74, que segundo Somé (1997) a corporeidade possui elemento MINERAL cuja função é trabalhar em prol do propósito seu e potencializando os demais. Sua capacidade é aprender constante e pelo amor e ser espelho para reflexões profundas.</p>
<p>Nanci Lourdes Ferreira de Melo</p>		<p>Nascida em 11/02/60, que segundo Somé (1997) a corporeidade possui elemento TERRA, cuja função é localizar-se espacialmente como território de identidade.</p>

Encerrando: os corpos e suas corporeidades são espiritualidades presentes e de conexão nas escolas, gerando significados de existência dos seres em relação, porque

meu corpo é lugar de fala
embora a voz seja apenas um
resto arranhando a garganta.
meu corpo é lugar de fala
e eu falo com meus cabelos e
meus olhos e meu nariz.
meu corpo é lugar de fala e
eu falo com minha raça
meu corpo eu nomearia território
se pudesse inventar um idioma próprio
meu corpo é lugar de fala
meu corpo é meu território
um caminho sempre insuficiente
(...)
meu corpo conta por si só histórias além de mim.

(Meu corpo é lugar de fala. Lubi Prates, 2017)

referências referencias

FANON. F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FU-KIAU, K. K. B. A visão Bântu Kôngo da sacralidade do mundo natural. Tradução portuguesa por Valdina O. Pinto. **Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu – Acbantu Comunidades Organizadas da Diáspora Africana – Rede Rôdyá**, Parceria Fome Zero, nº 067.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade de São Paulo, 2002.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra a formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educ. e Pesquisa**, SP; v.29, nº1, 2003 - p. 167-182.

MARIMBA A. **Performance corporais e saberes estéticos corpóreos**. Africa Word Press: E.U.A. - 366 pag. Disponível em: <https://estahoreareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yuru-uma-critica-africano-centradado-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/?blogsub=confirming#subscribe-blog>.

- MARTINS, L. M. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MARTINS, L. M. A fina lâmina da palavra. In.: **O eixo e a roda**. Belo Horizonte: UFMG, vol. 15 2007
- MARTINS, L. M. La oralitura de la memoria. In.: **Nuestra América Negra: Territorio y voces de la Interculturalidad Afrodescendiente**. Caracas, Venezuela: Universidad Nacional Bolivariana, 2013, p. 17-43.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. 3ª. Ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica. 2008.
- NOGUERA, R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, v.6, 2012. p.147-150.
Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1jviAaGGuJqXOV22I6jbyFpNASHSLYrd6/view>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- NOGUERA, R. **Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.
- ROCHA, C. **Racismo Religioso**. Wikis Favelas: Rio de Janeiro. 2022
https://wikifavelas.com.br/index.php/Racismo_Religioso
- SILVA, G & PETIT, S. Pret@gogia: referencial teórico-metodológico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes. In: NUNES, C., CUNHA, H. Jr., SILVA, J. (orgs.) **Artefatos da Cultura Negra**. Fortaleza: UFC, 2011.
- OYĚWŪMÍ, O. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. **Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies African Gender Scholarship Concepts, Methodology and Paradigms**. CODESRIA Gender Séries, CODESRIA, 2004, p. 1-8.
- OYĚWŪMÍ, O. **La invención de las mujeres**. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Org. Yuderkys Espinosa Miñoso. Tradução de Alejandro Montelongo. Bogotá: Colombia, 2014. P. 314.
- RUFINO, L. **O que pode Elegbara? Filosofias do corpo e sabedorias de fresta**. Voluntas: Revista Internacional de Filosofia.
DOI: 10.5902/2179378639951.
- RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SOARES, E. L. R. **As vinte e uma faces de Exu na Filosofia Afrodescendente da Educação: Imagens, discursos e narrativas**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2008.
- SOMÉ, S. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.

Associação de Investigadores/as Afrolatinoamericanos/as e do Caribe • A I N A L C

Cidade Universitária de Dourados - Caixa Postal 351 / CEP 79804-970

Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

diáspora africana



REVISTA DIÁSPORA AFRICANA
JUNHO DE 2024

COLABORARAM COM ESSE NÚMERO

Artigos/Ensaio

Denise Braz

Elena Lorac

Jorge Enrique García Rincón

Luis Oswaldo Martelo Ortiz

Margleinis Mosquera Cuesta

Michele Lopes da Silva Alves

Paula Lezama

Sorancy Agrono Morales

Tradução

Marcos de Jesus Oliveira

Revisão e normatização

Ângela Pinto Rangel

Marcos de Jesus Oliveira

Michele Lopes da Silva Alves

José Sena

Edição

Marcos de Jesus Oliveira

Michele Lopes da Silva Alves

José Sena

Projeto gráfico editorial

Ângela Pinto Rangel

Diáspora Africana es una revista en formato electrónico, de libre acceso, publicada por la Asociación de Investigadores Afrolatinoamericanos y del Caribe (AINALC). Su principal objetivo es difundir los estudios sobre las relaciones étnico-raciales en diferentes contextos latinoamericanos y caribeños, individualmente y/o en sus múltiples relaciones intercontinentales y globales, así como investigaciones sobre la diáspora africana y África realizadas ya sea por intelectuales afrodescendientes y/o negros de América Latina y el Caribe, ya sea por quienes se comprometan con la lucha antirracista y la equidad.

diáspora africana



nº 01

Corpo, Migração, Comunidades:
cartografias, vivências,
memórias e economia

Cuerpo, Migración, Comunidades:
cartografías, experiencias,
memorias y economía

DE
EL
JO
EM
MA
MI
PA
SO